

Digressões sobre o que é kafkiano hoje, a partir de O processo

Marco Aurélio Werle

Professor do Departamento de Filosofia da USP.

Ao contrário do que se poderia sustentar usualmente, a partir de uma certa chave de leitura "neomarxista", parece-me que *kafkiana* não é tanto a situação de opressão do Estado ou das estruturas burocráticas sobre o indivíduo, no sentido de que as mesmas sufocariam a liberdade humana e a constituição psíquica do homem, de fora para dentro, como opressão da superestrutura. *Kafkiano* é antes o modo como, hoje, os indivíduos procuram intencionalmente, mesmo sem terem plena consciência, as situações de opressão para poderem se sentir seguros e "felizes", numa espécie de construção de culpa que é ao mesmo tempo uma "transferência" da culpa. Ou seja, atualmente, "kafkiana" é a reivindicação ampla e irrestrita de "integração ao sistema", feita tanto por indivíduos quanto por determinados grupos, por exemplo, as chamadas minorias. Cito para tanto José Guilherme Merquior: "Kafka não parece partir, humanista e unilateralmente, da defesa do homem contra a opressão (social, burocrática, religiosa, etc.) ... Kafka põe em questão tanto o indivíduo quanto o que o oprime. Joseph K. não fez nada. Quem sabe se, por isso mesmo, não é culpado? Kafka procura legitimar o estar-no-mundo. Assim, por trás de toda denúncia que o seu narrar encerra, existe uma atitude não menos básica de *aceitação*"¹.

Tendo em vista que desapareceu nos dias de hoje, em grande parte do mundo ocidental, o Estado repressor em sua forma clássica, são os indivíduos mesmos que procuram a "repressão" e o "sufocamento" e inclusive defendem a cada momento e instante essa condição de "setorialização" de suas vidas. Cada um passa a viver uma existência em que

¹ MERQUIOR, J. G. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969, p.127.

apenas responde ao que lhe cabe, em sintonia com o seu "papel social" e por nada mais que o transcenda. Pode-se dizer que essa situação tem um efeito até mais danoso para a dimensão política humana do que a anterior.

Pretende-se, a seguir, mostrar que essa leitura é plausível por meio do enredo da novela *O processo*, de Kafka, pelo modo como os personagens nela se apresentam e se comportam. É possível ressaltar, tanto pelas atitudes de Joseph K. quanto pela dos que o cercam, que cada um está, por assim dizer, em busca de seu "processo" (tomando-se aqui o termo em sentido metafórico e amplo) e se sente, por assim dizer, "perdido", não quanto ao processo que se impõe a ele, mas quanto ao fato imponderável de que um dia esse processo deixe de existir como um sentido de existência. Não é o processo que persegue e atormenta os homens, e sim os homens se atormentam a si mesmos em busca de um esclarecimento de seu "processo", possuem uma ânsia por enquadramento. Nos dias de hoje, o pior dos quadros que se desenha para os homens é ficar livre do "processo", ter de encarar a angústia de uma vida sem "ocultamento" (Heidegger).

* * *

Em que medida a obra de Kafka é ainda hoje uma referência importante para a compreensão de nosso mundo cada vez mais regulamentado e regulado? Aparentemente a situação kafkiana se caracteriza pela dominância da burocracia que oprime os indivíduos nos Estados modernos e industrializados, gerando seres humanos bestializados e promovendo injustiças de toda ordem, as quais tão bem conhecemos no nosso dia-a-dia: julgamentos sem sentido, tribunais suspeitos, políticos corruptos, funcionários públicos de má vontade, processos que demoram anos para serem julgados, etc. Acrescente-se a isso o cinismo deslavado que toma conta de boa parte das práticas sociais e políticas ...

No entanto, a situação tipicamente kafkiana na novela *O processo* e nos dias de hoje não é tanto a da repressão do sistema do Estado ou, numa chave marxista, do capitalismo que transforma o homem em escravo do homem, da superestrutura que explora o indivíduo, como se houvesse uma espécie de força cega e totalitária que "sufocasse" a liberdade dos homens e operasse a exploração do "homem pelo homem". Kafkiana é antes a situação de enquadramento que se submetem os homens, movidos por interesses mesquinhos, e que se tornou uma espécie de senso comum óbvio após o declínio das utopias. Diante disso, a submissão a uma força "estranha" não parece ser mais um problema central, e sim a submissão voluntária e por convicção ao "grupo" ou à "tribo".

Desde o início de *O processo* vemos a situação de indivíduos que se enquadram em um determinado papel e relações humanas que se dão apenas no âmbito deste papel

assumido, que cada um incorpora e pelo qual responde, mas por mais nada que o transcende. Poder-se-ia supor que Kafka exacerba aquilo que Hegel caracterizou, nos *Cursos de estética*, como sendo o estado de mundo prosaico, em contraposição ao estado de mundo heróico. Segundo Hegel, o estado atual do mundo (a saber, o mundo moderno desde o Renascimento até o início do século XIX) é de "natureza muito restrita ... falta o conteúdo [*Gehalt*] mais profundo" (vol. I, p. 201-2) e apenas resta "o aspecto subjetivo do modo de pensar" (idem, p. 202). "Cada indivíduo ... não aparece como esta forma viva autônoma, total e ao mesmo tempo individual da sociedade, e sim apenas como um membro limitado dela" (idem, p. 203).

Essa distinção hegeliana entre o heróico e o prosaico serve de motivo para a breve, mas profunda, investigação que Anatol Rosenfeld fez dos personagens kafkianos em seu ensaio "Kafka e os kafkianos"². Considerando que o estilo narrativo de Kafka é antipsicológico e que sua obra deve ser examinada sem devaneios especulativos, Rosenfeld interpreta a situação ambígua, típica de encarceramento e de prisão, mas com anseio de liberdade, dos personagens kafkianos, dizendo: "Essa 'funcionalização', enquanto de um lado é sintoma terrível de um mundo que transforma o indivíduo em peça de engrenagem (incluindo o herói que tem o precário privilégio de ser peça mal ajustada, jogada ao fim do lixo), é de outro lado a expressão 'avançada' da nostalgia do mundo mítico, de um universo arcaico de cuja unidade primeva ainda não emergiu o indivíduo emancipado"³.

Atual em Kafka parece ser, portanto, o fato de que os protagonistas sem exceção e deliberadamente regulam sua vida por uma espécie de "setorização" de suas existências. O encontro entre as pessoas não ocorre senão no quadro de determinadas funções que cada um desempenha ou segundo as obsessões particulares: os funcionários que no início da novela declaram que K. deverá ser preso nada sabem e nada querem saber do que lhes transcende em sua função específica. O mesmo se dá nas inúmeras situações posteriores do romance, quando K. se depara com indivíduos, p. ex. determinadas mulheres que apenas sabem dar informações sobre algo de específico e delimitado. Mesmo quando opinam sobre um tema que está fora de seu campo de atuação, sobre algo que está fora de sua alçada e esfera, o fazem de modo a amplificá-lo, ou melhor, a mistificar

² ROSENFELD, A. "Kafka e kafkianos". In: *Texto e contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996, 5 ed., p. 225-262. Agradeço ao Ulisses Razzante Vaccari pela lembrança desse ensaio.

³ *ibidem*, p. 235-36.

e engrandecer a realidade. Esse ponto toca as raias do tema já muito debatido da alienação.

O verdadeiro *mundo administrado*, porém, para usar aqui um conceito caro à Teoria Crítica e à Escola de Frankfurt, se reflete antes nessa *autolimitação que os indivíduos se impõem a si mesmos*, e não em uma força avassaladora estranha, a chamada burocracia. Aliás, a "burocracia" está presente na cabeça de cada um, internalizada pelos homens como situação normal e desejada, no discurso constante da reivindicação pelos "direitos", mas sem a contrapartida do compromisso com o bem público. Transpondo isso para os dias de hoje e indicando uma atualidade de Kafka, mais do que nunca a burocracia deixou de se afigurar como "monstro", não é mais um elemento estranho e assustador de nossas vidas. Hoje não se passa mais mal nos corredores dos departamentos de justiça, como K. no fim do terceiro capítulo de *O processo*. Já nos acostumamos com isso, com o chamado mundo contemporâneo dos "atrasos" e das "filas". Note-se que não estou dizendo que não existam mais filas e atrasos e sim que a nossa relação com essa situação não é mais a de perplexidade. Hoje não seria mais possível escrever uma novela com os mesmos ingredientes e com o mesmo tom imprimido por Kafka à sua narrativa. Nem mesmo crises financeiras, como a que ocorreu em 2008, e guerras ou catástrofes nos assustam. Certos atentados ou desastres "ecológicos", principalmente quando são de responsabilidade de nações do primeiro mundo, tornam-se notícia e manchete e suscitam de início comoção pública, indignação, mas logo são "explicadas" ou "contextualizadas".

Há o choque inicial, algumas pessoas perdem seus empregos, outras, com o perdão da expressão, "morrem soterradas", mas logo em seguida voltamos à vida "normal", ou seja, ao reaquecimento econômico e ao "ritmo de consumo". Para além do conformismo diante de um mundo completamente regido por leis e normas, os próprios indivíduos desejam essa situação "monótona" ou "doméstica", que lhes parece mais segura e tranquilizadora do que, por exemplo, ficar "à margem da sociedade". Os indivíduos se submetem à tirania e à repressão que suas funções e "identidades" lhes impingem.

Passemos por alguns eventos da novela em que se ressaltam esses aspectos:

No *quarto capítulo*, que trata do episódio bizarro do castigador ou torturador, percebemos o quanto os homens se inserem de uma maneira incondicional no sistema de compensação e de punição. Trata-se de uma caricatura da lógica da produtividade, que hoje se espalhou por todos os setores de nossa existência, desde a produção material até a sentimental. Quem não trabalha corretamente tem de ser punido, e isso é internalizado tanto pelo algoz como pela vítima. Mas, o que significa todo esse absurdo da punição numa pequena câmara do corredor de um banco, situação que também é cômica?

No *quinto capítulo* temos o problema da comunicação, que se articula entre K., Frau Grubach, a senhora Bürstein e desemboca numa falta de comunicação com a recém chegada Frau Montag. Esses mal-entendidos apontam para um certo cerceamento no plano expressivo individual. Como a linguagem é o que define o homem, num mundo atomizado fatalmente teremos problemas ou dificuldades de diálogo, sentimos falta de simplesmente "conversar com alguém". As pessoas não se encontram senão no quadro de situações previamente controladas ou protocolares (*twitter* ou *facebook*?).

No *sexto capítulo* se destaca o tio afobado e apressado de K. querendo resolver a situação de seu sobrinho. Aqui se revela que a função que cada um desempenha na vida não é apenas individual, mas "coletiva". É preciso preservar a reputação da família ...

Essa *disposição burocrática*, enquanto uma certa disposição anímica [*Stimmung*, como diria Heidegger], se revela na atitude de K. que, supostamente, odeia a burocracia e seria vítima dela. No entanto, toda a sua postura, desde o começo da novela, é a de *procurar a liberdade dentro do sistema*. Como funcionário de banco, acredita fortemente na ordem estabelecida. *Sua angústia é burocrática*, se assemelha aos indivíduos que hoje em dia, por exemplo, anseiam rapidamente por uma situação confortável de vida, que uma determinada função específica lhes possa assegurar. É sintomática a ansiosa antecipação que K. realiza para resolver seu processo, quando nem sabe ainda do que trata esse processo. Há qualquer coisa de uma confiança cega no sistema que guia K. nessa conclusão, que se poderia formular da seguinte maneira: se alguém está me acusando, é porque deve haver necessária e seriamente um processo contra mim. Não se percebe nesse ato nenhuma prudência, que recomendaria aguardar por uma intimação oficial. Por que K. não espera pelo esclarecimento? Poder-se-ia evocar aqui ponderações de ordem literária, considerações acerca do procedimento ficcional específico de Kafka, que não descreve a realidade, mas a exacerba ou a transforma em princípio formal, etc., justamente para colocar em relevo o elemento do grotesco e o muito debatido conceito de "absurdo". Independentemente disso, parece-me que o "exagero" do enredo deve ser tomado pelo que tem de verdade, por seu teor de verdade [*Wahrheitsgehalt*] tal e qual.

Seja como for, K. deliberadamente vai atrás da intimação, busca razões e motivos de acusação, embora sempre afirme que não os leve a sério. Ele se dirige em pleno domingo a um local onde seria interrogado. Para quem vive no Brasil, por exemplo, esse gesto tem algo de exacerbado, de confiança excessiva ou irreal no modo de funcionamento de um órgão público. Não poderia ser um trote ou uma pegadinha? Nem mesmo a pessoa mais ingênua "entraria nessa", diríamos nós brasileiros. Aqui justamente emerge uma grande diferença entre Kafka e os dias de hoje: o fato de que os "processos" não nos angustiam mais. Os débitos e as dívidas de cartões de crédito não tiram mais o sono de ninguém. Sempre haverá uma chance de renegociar as dívidas ou ainda de buscar um

"acordo", que acaba por vezes sendo mais lucrativo para ambas as partes do que manter o impedimento do consumo. A ampla rede criada para resguardar os chamados "direitos do consumidor" ou mesmo os "direitos humanos" dá guarida e tranquiliza a todos, para não dizer que aciona os piores tipos de "cálculos", no sentido de como se dar bem na vida sem o mínimo esforço. Ter o "nome sujo" não nos inquieta mais como na época de K. Nesse ponto, há um fundo moralista bem forte comandando as estratégias literárias de Kafka, que, para nós hoje, se revela ultrapassado. O critério moral, por mais que seja invocado por uma certa parcela da classe média, é hoje irrelevante quando se trata, por exemplo, da eleição de determinado partido político.

Curiosa mesmo, é essa situação de os interrogatórios se darem, no segundo e terceiro capítulos de *O processo*, em pleno domingo! K. supõe que isso seja assim para não atrapalhar o trabalho do acusado durante a semana, ou seja, para que não perca um dia de trabalho. Num plano mais simbólico, porém, esse dado remete à disponibilidade que as pessoas têm na época atual em relação ao seu emprego e trabalho: nos Shoppings Centers trabalha-se inclusive aos domingos e a maior parte da população se dedica "em tempo integral" à sua ocupação que, aliás, não pode ser tomada como constituindo um "trabalho" no sentido clássico do termo. No mundo kafkiano e também no nosso não há espaço para algo além da situação de comprometimento: os indivíduos se entregam totalmente ao seu trabalho, à sua profissão, estão sempre disponíveis e "devem" estar para os "e-mails"...

Kafka problematiza o significado de assumirmos papéis na vida moderna. Seria interessante pensar aqui a situação atual, que emerge na obra de Kafka, diante da tese tradicional do "decoro", presente em *Dos deveres*, do romano Cícero, obra na qual se prevê, na sociedade tradicional, para cada ser humano um papel bem definido. Cícero pensa a vida civil e pública dos homens como representação, onde cada pessoa deve seguir o seu papel, um roteiro de conduta, semelhante à estrutura de uma obra de arte e a um personagem de teatro. No "jogo" público, no campo da efetivação do decoro, há que observar não apenas o caráter público, mas também o individual, de modo que o decoro é tanto fundado em normas gerais e abstratas, válidas para todos, quanto pela instância do comprometimento próprio de cada um, do seu "modo" de ser, com essas regras. Por isso, Cícero afirma que "a natureza nos atribuiu duas personagens"⁴.

Um dos problemas da moderna sociedade é que justamente assumimos papéis não em vista de um caráter social, mas em termos de uma funcionalidade, de uma espécie de

⁴ CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*, trad. de Angélica Chiapeta. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 53.

fuga ou abrigo na impessoalidade. Além disso, no mundo do trabalho e da burocracia, a identificação determina o que se é, o valor: fora de seu papel o indivíduo nada é. Cada um inclusive somente quer responder por seu papel, não quer ser abordado fora desse papel. As pessoas sentem-se incomodadas, agredidas e perdidas fora desse papel. Responde-se: "Isso não é comigo!".

Mesmo que cada um assuma de modo o mais intenso possível seu papel, isso não exclui um certo tipo de flexibilidade total. Essa flexibilidade, porém, se inscreve no interior do papel, como alargamento da função do papel e não deve ser compreendida como signo de liberdade em relação ao trabalho, como muitos interpretam. Ser flexível hoje, ser "versátil", indica comprometimento absoluto. Nada é mais irritante do que ser interpelado para uma situação mais ampla, por exemplo, para a política. E isso não se aplica apenas às pessoas que têm profissão, no sentido mais tradicional. Essa atitude é incorporada por aqueles que fazem política (independentemente se de direita ou de esquerda) e por aqueles que atuam no campo do entretenimento e são os "ídolos" da nação. Um jogador de futebol, p. ex., mesmo sendo um craque, precisa tomar o máximo de cuidado nas entrevistas que concede aos órgãos de imprensa, para não cometer "deslizes", isto é, falar demais sobre temas que transcendem sua atuação específica. Nesse sentido, pode-se dizer que há censura por todos os lados, uma censura gerada pelo simples interesse específico de cada um...

Apropos, hoje as pessoas de esquerda (p. ex. sindicalistas), de quem se esperava em outros tempos uma atitude "universal" (posto que, segundo o marxismo, representam a classe universal injustiçada) são extremamente "profissionais", completamente inseridas dentro de um quadro previamente fixado de interesses específicos bem calculados! Estamos longe de atitudes genuínas, tal como se vê, por exemplo, num personagem como Michael Kohlhaas que, segundo o narrador Heinrich Von Kleist, "exagerou numa de suas virtudes: o sentimento inato de justiça que o transformou em salteador ou assassino"⁵.

A identificação com o "sistema vigente" é de tal maneira forte que as pessoas se sentem desamparadas fora dessa situação: é o que acontece com K., que em certo momento observa que no banco, onde trabalha, saberia reagir a cada situação, pois possui um cargo elevado e é senhor da situação, possui influência e sabe mover-se com desenvoltura em seu meio. Como acusado, porém, sente-se perdido e angustiado.

⁵ KLEIST, Heinrich von. *Michael Kohlhaas, o rebelde*. Porto: Editorial Nova, 1973, p. II.

Essa sensação de falta de identidade ocorre quando, por exemplo, no mundo atual saímos de nosso campo de influência e somos expostos a situações em que deixamos de possuir um papel e somos simplesmente mais um número no interior da massa. Por exemplo, quando viajamos e somos expostos a uma situação estranha. De repente não somos mais ninguém. A situação kafkiana típica é também a do deslocamento que sentimos no mundo quando saímos de nossos papéis, num plano mais amplo, quando somos chamados ou acusados pela nossa própria existência. Talvez fosse interessante pensar Kafka a partir da analítica existencial de Heidegger e seus temas: o impessoal, a impertinência, a angústia, o chamado da existência, etc. *Joseph K. é uma espécie de Dasein*. Os temas da culpa, do sufocamento, etc. remetem ao *das Man* de Heidegger. Não parece ser coincidência que ambos pensaram esses temas nos anos 20 do século XX. A situação kafkiana é a do *Dasein* em busca de uma existência, de um sentido.

Sintomática é a atitude de *antecipação* de K. que, traduzida para os dias de hoje, é típica de *integração* ao sistema (integração das minorias, etc.). O tema do "reconhecimento" é desejo por burocracia, queremos nos sentir bem diante do mundo, agir de modo politicamente correto. Sentimo-nos bem quando conseguimos previamente resolver todos os processos, mesmo se não sabemos os detalhes desses processos. K. quer resolver o mais rapidamente seu processo. Mas, para quê? E nesse movimento leva consigo o leitor que fica na mesma expectativa e angústia, pois também nós gostaríamos que o protagonista resolvesse seu problema ou pelo menos soubesse se é ou não culpado. Queremos saber se há uma "culpa" em nossa existência ou se tudo não passa de uma trama ou de uma farsa. O que seria de K. sem o processo? O que seria de sua vida e da nossa sem o motivo do processo, sem um motivo de "luta"? Da busca pelo sentido?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÍCERO, M. T. *Dos deveres*, trad. de Angélica Chiapeta. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Ästhetik I* (Band 13) In: *Werke* [in 20 Bänden]. Frankfurt amMain: Suhrkamp, 1986 (*Cursos de Estética I*, trad. de Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 1999).

KAFKA, F. *Der Prozess* In: *Romane und Erzählungen*. Köln: Parkland, 2003, 5 Ed.

KLEIST, Heinrich von. *Michael Kohlhaas, o rebelde*. Porto: Editorial Nova, 1973.

MERQUIOR, J. G. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin. Ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

ROSENFELD, A. "Kafka e kafkianos". In: *Texto e contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996, 5 ed.